



Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



“Onde a polícia vira poder, a democracia vai para o espaço”

(de um ministro do Supremo Tribunal Federal antes de ter sido criada a Lava Jato)

Tremores planaltinos

► **Após nove meses no poder, o governo gerado pelo golpe contra Dilma não ganhou estabilidade**

Não foi necessário ter boa audição para ouvir o suspiro de alívio soltado no Planalto após a ministra Cármem Lúcia tornar sigilosa a homologação de 77 delações, consideradas fatais, vindas de proprietários e diretores da empreiteira Odebrecht. Simultaneamente, por outro lado, escutaram-se, por razão oposta, lamentos da decepção com a decisão da presidente do Supremo.

A Lava Jato, como se esperava, bateu à porta de Michel Temer. Mas o presidente-tampão aparentemente gostou do resultado proposto por Cármem Lúcia, que, em razão do recesso judicial e da morte de Teori Zavascki, assumiu por alguns dias a relatoria da Operação Lava Jato.

Para Temer, sem dúvida, foi bom diante da possibilidade de a delação ser aberta como convinha, em vez de ser sigilosa como foi. Forçado pela opinião pública, ao tocar no assunto, reduziu o comentário a uma expressão fria sobre a decisão da ministra: “Fez o que deveria fazer e, nesse sentido, fez corretamente”.

Presidente na pinguela, segundo FHC



Uma sentença digna dele mesmo. Acusado de receber propina da Odebrecht, não poderia fugir ou expandir o assunto. Rasgar elogios seria hipocrisia.

A decisão de manter o sigilo prolongou, apenas temporariamente, o governo de um presidente que, após nove meses de poder, vive perdido na turbulência formada pela depressão econômica.

Tudo deve piorar quando os movimentos sociais voltarem a ocupar as ruas em defesa de direitos adquiridos ameaçados pela pauta radical que identifica um rumo diferente. Sem preocupação social.

Temer não conseguiu nesse período estabilizar o governo. O problema deriva essencialmente da falta de legitimidade. Falta o voto como sustentação política. Há, porém, razões de ordem ética.

Sofre, por exemplo, com as delações da Odebrecht. Nasel, é citado em quatro situações supostamente ilícitas. Se inquieta também com o destino do processo que corre no Tribunal Superior Eleitoral sobre o dinheiro para a campanha presidencial de 2014. Se for comprovado, vira cúmplice das acusações contra a chapa Dilma-Temer e perderá o poder marginal no qual está mergulhado.

Michel Temer é presidente por acaso. Um mandatário sem voto. Por isso dança na corda bamba. Ou melhor, na “pinguela”, como disse FHC, “mui amigo” dele, para identificar o que resultou do golpe.

O presidente-tampão paga pelo grave pecado político cometido por ele: a traição. Diante disso, tem sobressaltos quase diários, incluindo sábados, domingos e feriados. E será assim até chegar ao final da jornada. Seja hoje ou amanhã. •



Andante Mosso



**600 mil presos,
e a maioria não é por
violência e corrupção.
O ministro Barroso
explica o desastre
do sistema penal**

Preso-padrão

O ministro Luís Roberto Barroso, do STF, tem uma explicação ousada para o fracasso do sistema penal brasileiro.

“Ele é um desastre. Um desastre desigualitário. É um sistema feito para prender meninos com 100 gramas de maconha.” Barroso explica a afirmação que faz munião de provas.

“O sistema brasileiro é tão ruim que temos 600 mil presos e a esmagadora maioria não tem a ver com duas grandes queixas da sociedade: violência e corrupção”.

De fato, menos de 1% dos internos do sistema prisional está preso por crimes como corrupção ativa, corrupção passiva, peculato, lavagem de dinheiro ou fraude à licitação.

Contra o tráfico

Mesmo com o STF empurrado agora para as questões

políticas, o ministro Luís Roberto Barroso jogou lenha na fogueira dos problemas sociais, a partir da votação sobre a legalização da maconha.

Integrante da mais alta Corte de Justiça, ele é o primeiro juiz a dar um passo à frente no debate sobre a legalização das drogas.

“Se der certo com a maconha, acho que deve passar para a cocaína e quebrar o tráfico mesmo”, afirma.

Pode-se supor que, para ele, chegou ao fim a experiência da política de orientação e repressão. Fracassou.

É difícil quebrar a aliança de interesses entre o prazer do usuário e o dinheiro do fornecedor.

PF em cena

A Polícia Federal acostumou-se à luz de flashes e holofotes.

Divulgou não se sabe por

que a apreensão de dez relógios de grife, Rolex, Patek Philippe e Cartier, na casa de Eike Batista.

Um empresário que já foi um dos mais ricos do mundo, o que esperavam encontrar na casa dele? Rolex falso vendido pelos camelôs?

Parece mais inveja do que rigor policial.

Laços de sangue

Susana Neves, ex-mulher de Sérgio Cabral, recebeu 883 mil reais do fabuloso esquema de corrupção montado pelo ex-governador do Rio de Janeiro.

O dinheiro seria destinado como pensão para os três filhos do ex-casal. Entre eles, Marco Antônio Cabral.

De fato, o jovem de 25 anos não conseguiria viver, mal e parcamente, com a verba de deputado federal.

Susana é a conexão parental entre Cabral e a família Neves. Ela é filha de Gastão, sobrinho de Tancredo, avô de Aécio.

A força da grana

Há sinais de que conhecidos advogados cariocas teriam trocado a tarefa profissional para ajudar a esconder a fortuna de Sérgio Cabral.

Após comprovação, garantem, alguém vai em cana.

Carta marcada

A escolha do ministro Luiz Edson Fachin como novo relator da Operação Lava Jato, no Supremo Tribunal Federal, foi indiscutivelmente tramada.

O objetivo foi o de evitar que a “sorte” beneficiasse o ministro Gilmar Mendes. Fachin, profissionalmente, viveu no Paraná.

Até agora, mostrava certa timidez no STF, resultado, talvez, das concessões verbais feitas na sabatina do Senado.